

A bancada do *Jornal Nacional* já não é mais a mesma: reflexões acerca da *mise-en-scène*¹ na apresentação²

Heidy VARGAS³

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) - SP

Resumo

O presente trabalho visa refletir sobre as mudanças na apresentação do telejornal *Jornal Nacional*, da Rede Globo, que ocorreram a partir de 27 de abril de 2015. A bancada deixa de ser o elemento principal e o cenário adquire um telão de plasma que amplia a sensação do real dando ritmo a narração. A mudança atingiu não só a movimentação no cenário, mas a inclusão de uma fala informal no trato com os repórteres e entre os apresentadores. Para tal, levaremos em conta alguns dos operadores de análise descritos pelo Grupo de Pesquisas de Análise de Telejornais, da Universidade Federal da Bahia e utilizaremos também uma abordagem histórica do telejornalismo.

Palavras-chave: telejornalismo; bancada; apresentadores; *Jornal Nacional*

Introdução

A trilha de encerramento do *Jornal Nacional* subiu acompanhada dos créditos finais quando os apresentadores Renata Vasconcelos e William Bonner se levantaram da bancada e com um ar descontraído sorriram e cumprimentaram alguém da equipe que estava fora de cena. Caminharam em direção a câmera, ou seja, ao telespectador, até saíram do ar. A informalidade empregada no boa noite jamais visto neste telejornal é marco simbólico na reformulação em um dos telejornais mais engessados do Brasil. O modo como o *Jornal Nacional* se apresenta aos brasileiros mudou. A reformulação foi no cenário, na utilização de diversos recursos tecnológicos, na informalidade nas conversas com o telespectador e os repórteres e nos movimentos de câmeras com diferentes enquadramentos.

A bancada sempre foi um porto seguro para apresentadores e telespectadores dos telejornais brasileiros. Durante 65 anos, ela foi o lugar de encontro dos dois. Esse espaço que chamamos de “sagrado” foi um elemento central de cena necessário para manter

¹ *Mise-en-scène* é uma expressão francesa que está relacionada com encenação ou ao posicionamento de uma cena.

² Trabalho apresentado no GP Televisão, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

³ Heidy Vargas, professora de telejornalismo na ESPM-SP. Mestre em Multimeios pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). heivargas@ig.com.br.

equilíbrio e organização no cenário. As notícias sempre foram anunciadas em cima deste elemento cênico, um apoio para os apresentadores que utilizavam para colocar suas canetas e scripts; e um espaço referencial para os telespectadores. A câmera que se movimenta em direção à mesa sempre representou o telespectador indo se sentar em frente a dupla de apresentadores, que contariam tudo o que ocorreu de mais importante naquele dia. Mas a linguagem da internet, a tecnologia e a necessidade de dinamizar a apresentação, até então estática e com ênfase na palavra, agora mudou, a ênfase, de certa forma, ainda está na palavra e sempre estará, mas foi agregado mais um componente: o movimento. Outros componentes também foram incorporados como são a sensação de ubiquidade⁴ dos repórteres e a iminência de que algo está prestes a acontecer, talvez acionado pelo deslocamento dos apresentadores em cena.



Figura 1 – Cenário do Jornal Nacional em 27/04/2015.
<http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/jornal-nacional-edicao-de-segunda-feira-27042015/4139835/>

Podemos verificar a alteração na conduta dos apresentadores destacando as modificações na performance, a bancada ainda é o elemento central, mas o deslocamento com a redação ao fundo, o telão de alta definição em que o repórter aparece em tamanho real diante dos apresentadores e a interação muitas vezes informal com os repórteres permitem que os mesmos utilizem este espaço para comentar as notícias e a situação em que ela é feita. Desta forma, os apresentadores protagonizam uma cena de intimidade com o

⁴ Qualidade do que está ou pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo ou quase ao mesmo tempo. Caráter ou propriedade do ser que está real e integralmente presente em todos os lugares ao mesmo tempo.

público e o deixam a par do que está ocorrendo. Essas novas estratégias de comunicação no telejornal mais conservador buscam estabelecer uma familiaridade e uma fidelidade com o público jovem, uma renovação da audiência. O que se deseja é um ponto de equilíbrio entre a inovação e a velha forma de contar histórias na televisão.

Outro motivo que teria impulsionado essa mudança reside nos números do Ibope. No dia 23 de março de 2015 o Jornal Nacional registrou uma das médias mais baixas de audiência em dias úteis, 20 pontos⁵, o mesmo que um sábado de feriado. Há dez anos a média do Jornal Nacional era de 35,8 pontos na Grande São Paulo (IBOPE, 2015). Após a mudança de cenário e de formato feitas no dia 27 de abril de 2015 houve uma sensível mudança nos números do Ibope. A audiência do principal telejornal brasileiro cresceu pelo menos 12% se comparado com o mesmo período do ano passado. No ano passado a média foi de 23 pontos. Depois da novidade deste ano, a média subiu para 25,7 pontos. Outro dado importante é o *share* (participação no universo de televisores ligados). Em 2014 foi de 37%, ou seja, a cada 100 televisores, 37 estavam ligados na Grande São Paulo. Neste ano, depois das mudanças, o número subiu para 39% (JORNAL, 2015).

As bancadas no telejornalismo brasileiro

Os telejornais surgiram com o nascimento da televisão no Brasil em 1950. O primeiro telejornal *Imagens do Dia* tinha um formato de apresentação similar ao do radiojornalismo, com notas narradas e a locução de Rui Rezende. Logo em seguida, fotos e desenhos colocados em tapadeiras mostravam a necessidade de ilustrar a fala dos apresentadores. Eles saíam da bancada e mostravam as imagens aos telespectadores presas nas paredes. (REZENDE, 2000).

O *Jornal Nacional* surgiu em 1º de setembro de 1969. E com ele se inaugurou o modelo de transmissão em rede nacional. Havia a possibilidade de integração nacional via telinha da televisão e para viabilizar esse sonho foi preciso uma apresentação formal e engessada, que fosse entendida por todo o país. Os profissionais que apresentavam na época, Cid Moreira e Hilton Gomes, eram locutores e liam os textos em uma bancada reta e de frente para os telespectadores e não interagem. Havia um distanciamento físico imposto pela bancada dos telespectadores e uma imparcialidade na transmissão da notícia.

Em 1971 chegou o teleprompter e com ele a forma de apresentar a notícia mudou. Esse aparelho fica em frente a lente da câmera e permite que o apresentador leia o texto sem

⁵ Cada ponto do Ibope se refere a 67 mil domicílios.

ter a necessidade de ficar olhando para o papel na bancada. Já em 1985, com o final da ditadura, os telejornais tiveram mais liberdade, mas o *Jornal Nacional* preferiu manter a mesma dinâmica: apresentador, bancada, entradas ao vivo via satélite. A opção foi por investir na comunicação com o público menos esclarecido, assim valorizou-se o didatismo e a participação de comentaristas especializados (MEMÓRIA GLOBO).

Em 1988 uma outra guinada na apresentação mudou os telejornais. O jornalista Boris Casoy assumiu com êxito o cargo de editor-chefe e apresentador do *TJ Brasil*, um telejornal opinativo transmitido pelo SBT. Sua *performance* como âncora do programa indicava a emergência de um novo modelo de telejornalismo e se baseava no telejornalismo americano. Casoy fazia comentários e dava suas opiniões sobre o tema, o mesmo acontecia com os repórteres que falavam sobre o que estava ocorrendo e as condições do trabalho naquele momento (REZENDE, 2000 p. 132).

Em dezembro de 1996, a Rede Bandeirantes de Televisão também resolveu apostar na credibilidade e convidou Paulo Henrique Amorim para ancorar o *Jornal da Band*. O ex-correspondente internacional da Rede Globo passou a acumular o cargo de editor, repórter e apresentador do telejornal nacional da casa e ancorar um programa de entrevistas semanal todos dos domingos chamado *Fogo Cruzado*. (REZENDE, 2000 p. 134).

Diante destas mudanças na apresentação dos telejornais, a Rede Globo foi levada promover mudanças no *Jornal Nacional*. Em março de 1996 Cid Moreira e Sérgio Chapelin deixaram a bancada e foram substituídos por dois jornalistas, Lilian Witte Fibe e Willian Bonner. A presença de jornalistas na bancada indicava uma busca pela credibilidade e nada melhor do que dois jornalistas envolvidos com o fechamento do telejornal para apresentarem. A rejeição do público também fez a jornalista Lilian Witte Fibe deixar a bancada em 1998 e dar o lugar a jornalista Fátima Bernardes. O casal inaugurou uma outra forma de apresentação, discretamente valorizaram a interação dos apresentadores na bancada, mesmo que não se explicitassem verbalmente, era possível ver nos olhares e meneios de cabeça a desaprovação ou indignação com a notícia veiculada (REZENDE, 2000, p. 133-142).

Nestes 19 anos seguintes o cenário do *Jornal Nacional* se modificou inteiramente. Em 26 de abril de 2000, nas comemorações dos 35 anos da emissora, a bancada deixou o estúdio tradicional e foi para um mezanino em cima da redação, no Rio de Janeiro. A bancada ganhou monitor e computadores e ao fundo painéis de 12 metros de largura formavam o mapa-mundi. Nela, a redação sempre está ao fundo e uma tela de plasma

gigantesca reforça as principais imagens do dia a medida que o apresentador fala. Em 2005, na comemoração dos 40 anos do telejornal, o globo terrestre acima da redação ganhou movimento e foi criado mais um telão complementar. Aos 50 anos da emissora a bancada ficou mais ampla, o cenário mais claro e grande. As notícias são transmitidas de pé ou sentado, as câmeras aumentaram os ângulos, as conversas são em tempo real feitas pelo telão, as informações meteorológicas são dadas ao vivo direto da redação de São Paulo em alta resolução (MEMÓRIA GLOBO).

Novas estratégias de comunicação na apresentação do Jornal Nacional

A televisão, mais precisamente o telejornalismo, é um produto de grande impacto na contemporaneidade. Ele ainda ocupa um lugar central na sociedade brasileira de mediação dos fatos e para a construção social da realidade que vivemos. Para muitos, o telejornal é um lugar de referência, pois a informação é uma forma de conhecimento e pode balizar as atitudes da sociedade. O poder do jornalismo está em como se constrói o conhecimento e o produz.

A imagem que a mídia constrói da realidade é resultado de uma atividade profissional de mediação vinculada a uma organização que se dedica basicamente a interpretar a realidade social e mediar os que fazem parte do espetáculo mundano e o público (VIZEU, 2008, p.13).

E esta mediação do tempo presente televisual marcou as primeiras experiências televisivas e ainda é a grande novidade nos estúdios que lançam mão da mais alta tecnologia, um traço distintivo no telejornalismo. Isso significa admitir também que a organização do discurso telejornalístico é diferenciada e passa pela forma como é transmitida a notícia. Sendo assim, é preciso estar atento à transmissão direta, se é seriada, quais recursos visuais utiliza, a performance dos mediadores e a dramaticidade da narrativa (texto). Dispositivos próprios e únicos do meio televisivo. Por essa razão, faço uma breve reflexão do telejornal exibido no dia 27 de abril de 2015 enfatizando três aspectos constitutivos do fazer telejornalístico do *Jornal Nacional*: o primeiro é a apresentação, cenário e os enquadramentos; o segundo a transmissão direta com os repórteres e por último a linguagem verbal e não verbal televisiva. Vale lembrar que esta nova *performance* na apresentação do *Jornal Nacional* foi inaugurada numa edição de segunda-feira, dois dias após ser exibida uma série de reportagens homenageando os 50 anos da Rede Globo.

O telejornal durou 46 minutos e um dos traços mais marcantes deste “novo” *Jornal Nacional* do dia 27 de abril de 2015 foi o deslocamento dos apresentadores no estúdio até o monitor de plasma. O apresentador que sempre ficou na zona de conforto, a bancada, agora deixa esse espaço e vai até o repórter. Aqui vemos um efeito de continuidade espacial que aproxima fisicamente do fato e nos remete a um sentimento de que algo vai ocorrer. Ficamos de frente para algo que realmente está acontecendo, o andar, e que nos sugere que algo possa ou vai acontecer na sequência, isso nos prende a atenção.



Figura 3 – O jornalista Willian Bonner se levanta e vai até o monitor conversar com os repórteres. 27/04/2015 - <http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/jornal-nacional-edicao-de-segunda-feira-27042015/4139835/>

A descontração na bancada, a postura dos apresentadores que se desloca em direção ao repórter na tela de plasma, o plano aberto que mostra o desempenho dos apresentadores no mesmo espaço e interagindo espontaneamente e visualmente colocam enunciadores da notícia e enunciatários num mesmo espaço, colaboram para um sentido de cotidianidade, de casualidade que até então não era visto no jornalismo engessado do *Jornal Nacional*. Desta forma, o telejornal cria uma situação midiaticizada e costumeira vista em nossa rotina e transpõe para o cenário. Guttman aponta que estes “dispositivos televisivos são responsáveis por criar um efeito de tempo presente” e que, de certa forma, revigoram a apresentação já cansada e envelhecida da bancada com seus apresentadores sempre sentados (2009, p.11). A cena comunicativa criada ainda coloca o apresentador no papel de

distinto da fala, um mestre de cerimônias que discorre sobre os principais assuntos, mas mesmo que o apresentador esteja longe do telespectador, mesmo que ocupem espaços diferenciados, mesmo assim a cena cotidiana do andar e comentar a notícia lança um frescor na apresentação sisuda e distante.

A performance cênica deste apresentador que se desloca é toda midiaticizada. Grande parte da comunicação interpessoal se dá por meio de gestos. Assim, os movimentos corporais se configuram cada vez mais como uma estratégia de comunicação efetiva que transformam o objeto corpo em linguagem. O objeto corpo tem um grande significado e agrega valor ao produto (jornalismo), por isso destacamos a expressão corporal do andar como performance necessária. A ação que vemos aqui é uma ação conciliativa, de familiaridade, todo movimento do corpo é moderado, tanto as expressões faciais e a modulação da voz são equilibradas. Segundo Veron (1983, p. 13), essa estratégia de interpelar e aproximar ainda mais o telespectador vem acompanhada de uma ampliação do cenário, com mais profundidade e com uma maior variedade de movimentos e enquadramentos de câmera.

Por isso, o cenário do *Jornal Nacional* também mudou. Ainda com prevalência da cor azul, o cenário está maior, provavelmente para facilitar o deslocamento dos apresentadores, a bancada atual está neutra em relação a bancada anterior, valorizando o branco e o azul, o tampo da mesa é transparente, os recursos visuais do monitor do fundo da redação estão menos poluídos e com temas definidos e os telões laterais mais neutros, sem efeitos em vermelho. Um cenário simples e moderno, que valoriza os apresentadores em cena. Toda a atenção está voltada para a bancada que vai ser deixada toda a vez que um repórter entrar ao vivo. O cenário redação continua como marca e uma forma de referendar o próprio fazer do jornalista, validando o sentido de transparência, de verdade e objetividade. A redação como cenário reforça proximidade com o processo de se fazer a notícia, é como dizer que estamos sempre vigilantes e atentos aos fatos.

Os telejornais brasileiros têm buscado atrair o telespectador utilizando cada vez mais estratégias que produzam um efeito de continuidade espacial entre o estúdio e os repórteres que estão na rua. Para isso, neste telejornal em especial, foi utilizada uma estratégia de deslocar o apresentador da bancada para uma tela de alta definição para que ele conversasse com o repórter diretamente. O efeito de divisão de tela que antes era muito usado neste telejornal foi abolido. Isso não parece ser novidade, já que outra estratégia adotada pelos telejornais é deslocar o próprio apresentador para o local dos fatos quando o assunto é de

extrema urgência, assim criando um outro ponto de referência na ancoragem, fora da bancada. Mas esse recurso lança mão de uma tela de alta definição e tem colocado o apresentador diante do repórter quase que em tamanho natural. Nesta edição inaugural do novo efeito de continuidade os repórteres Márcio Gomes, Roberto Burnie, Hélder Duarte e Maria Júlia Coutinho ficaram frente a frente com os apresentadores, mesmo que virtualmente. Uma estratégia de reconstrução do espaço que busca produzir um efeito de presença e ubiquidade. Para Yvana Fechini, essa estratégia de colocar o repórter e o apresentador no mesmo espaço do *agora* em que se dá a transmissão ao vivo recoloca o tempo passado no tempo presente e imprime o sentido de atualidade no fato.

A adoção dessa estratégia de construção de uma continuidade espaço-temporal resulta, por fim, em um efeito de maior proximidade entre o conteúdo enunciado e o próprio até de enunciação por meio do qual se diminui a distância entre o fato jornalístico e sua divulgação pelo telejornal. (2008, p. 114)

Como grande parte do que está sendo noticiado no telejornal já ocorreu a transmissão direta passa a ser o grande eixo catalizador do programa. Neste caso, a transmissão direta ganhou duas estratégias de proximidade que foram o andar do apresentador da bancada até o monitor de plasma e a presença do repórter do mesmo tamanho que o apresentador posicionado lateralmente como se estivesse em uma conversa real olhando para o seu interlocutor. Essa estratégia simula uma proximidade temporal do *tempo anterior* para o *tempo atual* e se materializa no *agora*, o estúdio. Como podemos ver:



Figura 2 – A jornalista Renata Vasconcelos conversa com o repórter Márcio Gomes, em Tóquio, no Japão, sobre o kit de sobrevivência obrigatório em caso de tragédias.

27/04/2015. <http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/jornal-nacional-edicao-de-segunda-feira-27042015/4139835/>

A utilização de duas câmeras para as entradas ao vivo nas ruas e no estúdio trouxe dinamismo na apresentação. Primeiro o apresentador se levanta e chama o repórter que já está ao seu lado posicionado no plano geral, num segundo momento o repórter responde alguns segundos neste plano e logo em seguida vira-se para a segunda câmera que corta para o plano médio com o repórter de frente. A estratégia que se configura no *Jornal Nacional* renova as entradas ao vivo. A entrada ao vivo é sempre associada a um acontecimento que está se dando no momento, mas nem sempre isso é possível. Neste caso, o repórter Márcio Gomes estava falando sobre o kit de sobrevivência em Tóquio, mas o fato detonador da conversa foi no Nepal, um tremor de terra que matou mais de 5 mil pessoas. A tragédia estava distante do repórter e não havia motivo real para sua entrada ao vivo. Desta forma, a tecnologia coloca o repórter no centro da conversa, como se estivesse compartilhando o seu conhecimento muito próximo, na mesma roda de conversa. Nestes casos é possível dizer que eles compartilham do mesmo *agora* e situam o momento de fala na mesma temporalidade. Esse mesmo efeito de agora é descrito por Fechini como “um “lugar” que só existe na tela da televisão como manifestação intangível do espaço criado pelo tempo da própria transmissão” (2008, p. 115)

Além disso, outras estratégias comunicativas estão sendo utilizadas. Os enquadramentos das câmeras são modalizadores que provocam sensações de aproximação, distanciamento e ubiquidade. Neste caso, ela tem sido usada como um complemento muito importante na comunicação com o telespectador. Antes os planos eram fixos e quase sempre os mesmos. Hoje, vê-se uma multiplicidade de movimentos e enquadramentos de câmera. Nesta análise citamos apenas os feitos na edição do dia 27 de abril de 2015. Depois da escalada tradicional do *Jornal Nacional* que enquadra os apresentadores chamando as manchetes do dia, a câmera em plano geral⁶ destaca o apresentador deixando a bancada, andando até o monitor de plasma para conversar com o repórter. Essa mesma câmera acompanha em plano sequência⁷ e fecha a imagem em primeiro plano⁸ no apresentador para, logo em seguida, cortar para uma outra câmera no estúdio em plano americano⁹, neste momento o apresentador está de lado para a cena e de frente para o repórter diante de uma

⁶ Enquadramento que mostra toda a cena.

⁷ Movimento que acompanha uma ação e utiliza diversos enquadramentos numa mesma tomada.

⁸ Tomada do busto para cima tendo o repórter em primeiro plano.

⁹ Tomada da altura do joelho.

tela de alta definição. Neste caminho, o apresentador situa o telespectador do que vai acontecer.

Vale lembrar que o *Jornal Nacional* nunca tinha ousado mudar os ângulos da câmera, sempre utilizou planos parados, os enquadramentos mais comuns como primeiros planos, plano médio com divisão de tela, plano geral e movimento de aproximação e distanciamento da lente tanto na abertura do programa como nas passagens de bloco e no encerramento. Pela primeira vez vimos um plano sequência da bancada até o monitor e uma despedida em *plongê*¹⁰ no canto esquerdo do estúdio até a saída dos apresentadores da cena, que não mais ficam parados na bancada rascunhando desnecessariamente seus scripts. Essa é uma cena real do que ocorre no final de um telejornal. Seus apresentadores se levantam e vão embora. Esse distanciamento da câmera em movimento curto de *travelling*¹¹ nos coloca na cena de distanciamento do telejornal como estivéssemos encerrando o nosso encontro do dia. Já nas passagens de bloco vimos um movimento atípico, antes a câmera se distanciava agora há uma proximidade da câmera em direção aos apresentadores. Ora o operador da câmera fecha no rosto do apresentador, ora vai em plano sequência de um *plongê* no extremo lado direito ou esquerdo do estúdio para o monitor no fundo da redação. É como se o movimento da câmera nos deixasse em alerta para o que virá como um fluxo contínuo, um movimento que não para. Estes movimentos nos incluem na cena comunicativa do telejornal que deseja nos prender a atenção e não mais nos confortar. Esse movimento não é rápido nem vagaroso, mas percorre o olhar do telespectador como uma forma de alertar para o que está sendo dito em *off*¹² por um dos apresentadores.

Outro fator de análise é o texto pois revela a estratégia empregada pelos mediadores para construir a notícia. Assim, adotamos como parâmetro a construção do real com base na atualidade, objetividade, interpelação, de leitura e operadores didáticos (VIZEU, 2008). Dentro do limite deste trabalho, vamos refletir sobre alguns momentos deste telejornal em que o texto alça a narrativa coloquial e testemunhal. Nesta edição especial o *Jornal Nacional* teve uma notícia relevante e adequada para o tipo de comunicação que se deseja daqui para frente. A terremoto de mais de 5 mil mortos no Nepal foi visto de perto por dois repórteres que, por acaso, estavam no local no momento da tragédia. Essa é a primeira notícia do telejornal e Willian Bonner vai até o monitor de plasma e conversa com os repórteres ao vivo de Katmandu, capital do Nepal. Essa estratégia legitima a fala do

¹⁰ Tomada de cima para baixo.

¹¹ Movimento de deslocamento da câmera.

¹² Voz do apresentador é ouvida enquanto as cenas referentes ao texto são exibidas.

repórter e mais do que isso o que vem a seguir é um depoimento testemunhal de como eles viveram o terremoto e estão vivendo a tragédia. O tom testemunhal já está presente na pergunta de Bonner:

Bem, a gente testemunhou ontem não só a voz abalada do Clayton que ainda está abadado, mas o susto enorme que você levou né Carol? Bom, a pergunta que eu queria fazer agora é como vocês estão numa situação muito, muito difícil a gente está acompanhando aqui e está solidário aqui. O que eu queria saber de vocês é que o Clayton mencionou que tinha comprado cem garrafas de água para vocês e para quem mais precisasse como é a situação de carência de mantimentos e a dificuldade para conseguir água e comida. (27.04.2015)

Em outro momento, Renata Vasconcelos pergunta

Carol e Clayton, como vocês estão lidando com o medo de novos tremores?
Carol: É Renata, a gente está em estado de alerta aqui no Nepal. A gente realmente está preparado para situações extremas, mas normalmente você treina para isso na sua cabeça e no seu corpo e aqui eu confesso que a gente está precisando ter muito forte é o coração. Por tudo que a gente está vendo nas ruas e nos hospitais. Eu acho que o coração, ninguém está preparado para ver o que estamos vendo aqui. É muito triste (27.04.2015)

Esta conversa vista acima só é possível a partir de códigos sociais e culturais preexistentes de alguma forma em quem assiste o programa. A fala coloquial em tom testemunhal leva o repórter para o centro da notícia e ele passa a ser notícia e não a notícia em si. Estes códigos são estabelecidos com a audiência. A cena testemunhal segue durante quase todo o primeiro bloco do telejornal. Em outro momento, chamado para falar sobre um exemplo de como é enfrentar um terremoto com o mínimo de planejamento, o correspondente na Ásia sediado em Tóquio, no Japão, Marcio Gomes, relata que tem em casa quatro kits de sobrevivência e mostra os kits que contém cobertor, água e comida e ao final diz em tom de desabafo que espera que a sua família nunca use. O que vemos neste telejornal é um mundo descrito pelo sujeito jornalista que constrói a partir do seu ponto de vista seus relatos, moldado pelas suas experiências. O jornalista aqui deixa de garantir a neutralidade e a objetividade, características clássicas do telejornalismo, e afasta-se da sua autoridade para contar ...era uma vez um repórter que estava em Katmandu e viu cenas terríveis, ficamos sem água e compramos, achamos duas brasileiras e conversamos com elas. Quase toda a narrativa que permeou o telejornal assumiu um tom de depoimento.

A notícia imparcial e do local dos fatos é dada, mas acreditamos que em alguns momentos ser possível identificar traços do jornalista-narrador ou o jornalista-autor no

primeiro bloco do telejornal. Há uma necessidade de construção de um sujeito do relato, que vê a experiência e vive, para depois ele efetivamente relatar. Ele é um sujeito humanizado que desperta o diálogo com o apresentador e o público, ele é o olho que nos conduz às informações e a realidade.

Os apresentadores e repórteres do *Jornal Nacional* apesar da aparente postura de neutralidade e objetividade estão expressando no texto e no gestual o seu posicionamento. A descontração na chamada dos repórteres marca essa mudança na comunicação como no caso do repórter de São Paulo, Roberto Burnie. Ele foi chamado para dar detalhes sobre o número de casos da dengue que este ano bateram recorde em São Paulo. Bonner diz:

O número de casos de dengue este ano em São Paulo já é o maior desde 1987. Quando esses números começaram a ser registrados. O repórter José Roberto Burnie tá no comando Militar do Sudeste, em São Paulo. A gente vai conversar com ele agora para saber mais detalhes do que é que se trata isso e que recorde é esse.

Burnie: Esse é o recorde que ninguém quer né. Olha primeiro eu vou explicar o por que estou aqui no comando Militar do Sudeste. Porque soldados do exército brasileiro foram convocados para ajudar a luta contra a dengue aqui em São Paulo. Os números são impressionantes. 22 mil casos no Estado (...). Agora, vamos torcer para esfriar. Esfriar porque quanto mais frio, mais difícil do bicho se reproduzir. Menos mosquito, mais doença, Amém né (faz o sinal da cruz), que assim seja” (27/04.2015).

Dizer amém e fazer o sinal da cruz é uma comunicação que não agrega informação, mas traz um traço humano do repórter que apostou no tom coloquial para estabelecer um laço com o seu telespectador que certamente já se viu nessa situação. Outro momento semelhante de descontração presenciado no *Jornal Nacional* é durante a apresentação da previsão do tempo. Renata Vasconcelos sai da bancada dizendo:

Agora, a gente vai ver a previsão do tempo de um jeito diferente. Porque a partir de hoje quem vai tratar da previsão do tempo é a Maria Júlia Coutinho, que vai falar ao vivo. Vai conversar todos os dias com a gente aqui no *Jornal Nacional*. Maria Júlia a gente primeiro quer saber se a chuva vai parar ou vai continuar em Salvador?

Maria Júlia: essa chuvarada não deve arredar pé da capital baiana até o final da semana. (27/04/2015)

A seguir a repórter Maria Júlia usa expressões como “aguaceiro todo”, “sol bombando” e “sol com cara de verão”. Em ambos os casos não cabe identificar se há distorção no campo da informação por causa da articulação dos repórteres, mas apontar que a informação veio acompanhada de um discurso informal, beirando ao entretenimento. É o

neologismo *infotainment*¹³, o imbricamento entre a informação e o entretenimento. Essa forma de se comunicar está ligada a globalização da cultura midiática, um termo utilizado diante das grandes mudanças ocorridas no século XX como a consolidação do neoliberalismo e a ampliação das possibilidades tecnológicas de produção, distribuição e consumo da cultura midiática (GOMES, 2008, p.198). Essa estratégia de produção midiática inserida na fala do repórter, que suaviza e até ameniza a dramaticidade dos números da dengue e a chuva que tinha causado desabamentos em Salvador pode ser a chave de aproximação e familiarização com o público alvo.

Muitos autores alertam essa fala mais próxima do coração do telespectador em detrimento da racionalidade. Para Temer, haveria uma tendência à personificação do drama que pode esvaziar a informação e a ênfase dada ao ver, a estética, estaria colocando em cheque o conteúdo.

(...) o termo contar história não é usado de forma aleatória; pelo contrário, trata-se de um termo enfatizado pela própria emissora (...). Pode-se dizer, portanto, que a matéria veiculada no telejornalismo inclui algo além da transmissão, o recontar o fato. Parte desse trabalho é um exercício de criatividade (2002, p. 229).

Outra estratégia do mediador para estabelecer a comunicação é a utilização do formato opinativo no telejornal. No último bloco, Willian Bonner fica indignado com a nota pé sobre o número de brasileiros presos no mundo por tráfico de drogas. A apresentadora Renata Vasconcelos conta que existem 864 brasileiros presos no exterior por porte de drogas. E ele complementa: “é muita gente mesmo, muita gente. Eu não tinha ideia desse número”. E fica em silêncio por dois segundos. Raramente os apresentadores se posicionam no telejornal, mesmo que o tema seja ameno e não levante grandes debates.

O encerramento é o ápice da performance cênica e a estratégia midiática já foi descrita na abertura do texto. O “boa noite” veio antecedido de uma reportagem sobre a despedida da jogadora de vôlei Fofão das quadras e o apresentador diz: “é com a mesma dignidade e a grandeza desta grande atleta brasileira que encerramos com dignidade está primeira edição do *Jornal Nacional* dos próximos 50 anos. A gente termina aqui. Boa noite para você.”

¹³ O *infotainment* é uma estratégia de produção midiática cuja a intenção da produção é oferecer informação que seja não só relevante, mas interessante para chamar a atenção da audiência. Para isso, eles utilizam o modo de comunicação *storytelling*, que bebe na fonte dos recursos de obras de ficção, buscando contar uma história que seja excitante ou dramática.

Considerações finais

A apresentação do telejornal mais engessado e sisudo do Brasil já não é mais a mesma. A princípio, em 1969, pelas dificuldades tecnológicas e pelo momento histórico, o *Jornal Nacional* adotou uma política mais austera, distante e séria. Era importante conquistar o público e passar veracidade nas notícias transmitidas. Ao longo do artigo o exercício de análise feito aponta para vários caminhos de mudança. Um passo importante para a manutenção da audiência e a liderança entre os concorrentes.

A inédita movimentação dos apresentadores no cenário, a fala informal com os repórteres, a utilização de diversas câmeras, enquadramentos e movimentos diferenciados dos tradicionais, a utilização de narrativas testemunhais e a descontração dos repórteres no ato de contar uma notícia apontam para uma mudança drástica nas estratégias de comunicação que foram e que estão sendo estabelecidas daqui por diante. Assim à luz do que foi exposto, é possível, de maneira preliminar, afirmar que o jornalismo do *Jornal Nacional* está escrevendo uma outra forma de contar a história. Levando em consideração a verdade, a objetividade, a relevância dos temas, mas como o artigo destaca traçando algumas estratégias midiáticas para sobreviver na liderança. Uma comunicação que é equilibrada, que apresenta o repórter como parte da notícia e que norteia os seus princípios pela comunicação direta com o telespectador explorando de forma magistral os recursos tecnológicos que colocam o agora em cena. Resta saber como será feita as articulações entre os valores próprios do campo jornalístico e os elementos e estratégias da produção midiática.

REFERÊNCIAS

- FECHINE, Yvana. **Procedimentos e configurações espaço-temporais no telejornal**. IN: Sociedade do telejornalismo. In: Vizeu, Alfredo (org.) Petrópolis: Vozes, 2008.
- GOMES, Itania Maria Mota. **O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico**. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (org.) Em torno das mídias. Porto Alegre: Sulinas, 2008.
- GUTTMAN, Juliana Freire. **Articulações entre dispositivos televisivos e valores jornalísticos na cena e apresentação do Jornal Nacional**. IN: 40 anos de Telejornalismo em Rede Nacional – olhares críticos. In: Vizeu, Alfredo; Porcello, Flávio; Coutinho, Iluska (org.) Insular, 2009.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.
- TEMER, Ana Carolina P. **Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo**. Rio de Janeiro: Stose, 2002.
- VERON, Eliseo. Il est là, j'ele vois, il me parle. *Revue Communications*, Paris, n. 38, 1983.

VIZEU, Alfredo e CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência.** IN: A sociedade do telejornalismo. In: Vizeu, Alfredo (org.) Petrópolis: Vozes, 2008.

Sites

Ibope do “Jornal Nacional” “derrete” e marca 20 pontos. UOL Tv e famosos, 23/03/2015. São Paulo. Disponível em: 10.06.2015. Acesso em: <http://celebridades.uol.com.br/oops/ultimas-noticias/2015/03/23/ibope-do-jornal-nacional-derrete-e-marca-20-pontos.htm>

Jornal Nacional. Rede Globo. Rio de Janeiro 46 minutos. Disponível em: 10.06.2015. Acesso em: <http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/jornal-nacional-edicao-de-segunda-feira-27042015/4139835/>

Jornal Nacional renovado cresce em audiência. UOL TV e Famosos, 06/05/2015. São Paulo. Acessado em junho de 2015: <http://celebridades.uol.com.br/oops/ultimas-noticias/2015/05/06/jn-renovado-cresce-em-audiencia.htm>

Memória Globo. Disponível em: 10.06.2015. Acesso em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/jornalistas-como-apresentadores.htm>